

# PIPA NO CÉU É PENSAMENTO QUE AVÔA: REFLEXÕES SOBRE UMA UNIDADE DIDÁTICA DE JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

CAROLINE GOMES DE OLIVEIRA

Licenciada em Educação Física pela Universidade

Federal de Minas Gerais – UFMG

Professora da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais – MG

**Resumo** | Este artigo tem a intenção de relatar uma experiência docente sobre a temática dos jogos, brinquedos e brincadeiras, mais especificamente sobre as pipas. O conteúdo foi desenvolvido nas aulas de Educação Física durante o Ensino Remoto Emergencial, por meio de atividades semanais enviadas aos estudantes via a plataforma *Google Classroom*. As aulas tiveram como objetivo trazer uma vivência prática das brincadeiras das pipas em uma época do ano no qual essa é uma prática muito recorrente entre crianças e jovens da região metropolitana de Belo Horizonte. E teve como resultado o levantamento de questões por parte dos estudantes como: a interação com os familiares durante este período; questões de gênero ligadas à brincadeira; e a importância da valorização das brincadeiras e da cultura popular, se expressando como uma possibilidade de tecer reflexões acerca das intersecções entre os conhecimentos escolares e os que os estudantes trazem consigo para além dos muros da escola.

**Palavras-chave** | Educação Física Escolar; Brincadeiras; Ensino Remoto Emergencial.

## KITE IN THE SKY IS THOUGHT THAT FLIES: REFLECTIONS ABOUT A DIDACTIC UNIT OF GAMES, TOYS AND PLAY IN THE PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN THE PANDEMIC TIME.

**Abstract** | This article has the purpose to report a teacher experience that deals with about the thematic of games, toys and play and more specifically about kites that were made in three classes in the subject of Physical

education during the period of emergency remote education, carried out through weekly activities sent to the students by way of the google classroom platform. The classes had a goal to bring a practical experience of kites' games in a period of the year in which this is a very recurring practice between the children and the teenagers of the metropolitan area of Belo Horizonte. This had like results the issues raised by the students, such as the interactions with the parents during this period, questions of the gender related to the games and the importance of the valuing of plays and of the popular culture, expressing itself as a possibility to weave reflections about the intersections between school knowledge and those that the students bring with them beyond the school walls.

**Keywords:** School Physical Education; Play; Emergency Remote Education.

## **COMETA EN EL CIELO ES UN PENSAMIENTO QUE VUELA: REFLEXIONES SOBRE UNA UNIDAD DIDÁCTICA DE JUEGOS, JUGUETES Y DIVERSIONES EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN TIEMPOS DE PANDEMIA**

**Resumen** | Éste artículo tiene la intención de reportar una experiencia em la enseñanza que se trata del tema de los juegos, juguetes y bromas más específicamente a cerca de el comete. El contenido fue desarrollado en la disciplina de Educación Física durante el Ensenãdo Remoto Emergencia, por medio de actividades semanales enviadas para los estudiantes vía plataforma *Google Classroom*. Las clases tência cómo objetivo traer una experiencia práctica de las bromas del cometa en una era del año en el cual es una práctica muy recurrente entre los niños y joven de la región metropolitana del Belo Horizonte. Y tenía cómo resultado el levantamiento de problemas por parte de los estudiantes cómo: la interación con los parientes durante este período; problemas de gênero conectados las bromas; y la importância de la apreciación de las bromas y de la cultura popular, se expresano como una posibilidad em hacer reflexiones acerca de las intersecciones entre los conocimientos de la escuela y los que los estudiantes traen con ellos mismo para más Allá de las paredes de la escuela.

**Palabras Clave** | Educación Física Escolar; Juguetes; Ensenãza Remota Emergencial.

### **INTRODUÇÃO**

Assim como muitos espaços e esferas sociais, a educação foi muito afetada pelo advento do isolamento social motivado pela pandemia do

Covid-19<sup>1</sup>. Nesse momento, a vida de todos os envolvidos na comunidade escolar foi fortemente atravessada pelas incertezas do amanhã, o que inclui o futuro escolar de milhares de estudantes em todo o território nacional.

Neste sentido, estruturar como seriam as aulas e as atividades da disciplina Educação Física se tornou uma grande questão: como pensá-las de maneira que mantivessem a especificidade da área, que é o movimento, mas não apenas ele por si, mas o movimentar-se de maneira reflexiva pautado pela cultura corporal? Aliado a isso, surgiram outras problemáticas que envolviam o retorno remoto das atividades escolares que, no caso de Minas Gerais, estabeleciam conteúdos programáticos pré-estabelecidos apontados pelos Planos de Estudos Tutorados (PET's), disponibilizados em versão PDF em um site de domínio do Estado para os estudantes que tinham acesso à internet, e também impressos pela escola para os que não conseguiam acessá-lo de maneira virtual. Este programa de estudos tutorados foi desenvolvido pela Secretaria de Educação exclusivamente para o Regime Especial de Estudo não Presencial (REANP). De uma maneira geral, eles não apontavam reflexões acerca da dinâmica “teórico-prática” dos conteúdos de Educação Física, o que provocou o reestabelecimento de um debate antigo na área a respeito da sua legitimidade e de quais de fato são as funções da Educação Física no espaço escolar.

Nesse não-lugar que se tornou o “dar aulas”, muitos professores estavam ocupando o lugar de passar e corrigir atividades, visto que, durante o período inicial do REANP, nós professores da escola em questão não ministramos aulas, ficando encarregados somente de enviar atividades que complementassem o PET semanalmente, para que posteriormente, quando houvesse uma indicativa do Estado, pudéssemos corrigir e avaliar os estudantes. A Educação Física se tornou uma imprecisão para mim, pois ao mesmo tempo em que precisava seguir as normativas estabelecidas dentro dos planos de retomada remota do ensino, buscava formas para que

---

1. Pandemia causada pela doença Coronavírus (COVID-19) provocada por um tipo de coronavírus, que assolou o mundo no ano de 2020, fazendo com que medidas de isolamento social fossem adotadas para se evitar o alastramento e contágio pela doença.

minhas atividades fossem coerentes com uma educação que dialogasse com as experiências corpóreas e culturais dos estudantes.

Dessa forma, um dia me peguei observando pipas<sup>2</sup> no céu e refletindo sobre um debate que ocorrera em um coletivo de professores de Educação Física acerca da potência que teria o trabalho pedagógico com elas. Isso me despertou uma fagulha em desenvolver algo que dialogasse com aquela troca na escola onde leciono. Visto que essa é uma prática muito apreciada pela população – de Belo Horizonte (BH) e região metropolitana – na época de julho e agosto, que são os meses com os melhores ventos para empina-las, assim surgiu a unidade didática sobre papagaios.

Portanto, o objetivo deste artigo é relatar a experiência das aulas de Educação Física sobre a pipa como uma brincadeira popular que foram ministradas durante o período de REANP realizado por meio de atividades semanais enviadas aos estudantes via plataforma do *Google Classroom*, no mês de Julho de 2020.

## **DANDO LINHA...**

A unidade didática sobre pipas foi desenvolvida em três aulas com estudantes do 7º e 8º anos do ensino fundamental e com os das 1º, 2º e 3º séries do ensino médio, de uma escola estadual situada na regional Barreiro de BH. A escola atende estudantes de toda a região metropolitana, desde o 6º ano a 3ª serie. No que se refere à disciplina Educação Física a escola não segue uma organização estabelecida para aos conteúdos, ficando a cargo do professor elaborar quais conhecimentos abordar durante o ano letivo. Quando foram indicados os PET's como normativa para o período de ensino remoto, ele se tornou o único parâmetro a ser seguido para a elaboração de atividades complementares. No entanto, a unidade com pipas aconteceu durante um período em que não havia ainda sido

---

2. A pipa também é conhecida como papagaio, pandorga ou raia. É um brinquedo que voa, usando a força do vento, e feita utilizando varetas de bambu ou fibra, papel ou plástico e linha. E durante o texto estarei utilizando das diferentes formas para nomear o brinquedo.

elaborado o PET referente à Educação Física, o que deu a nós professores o papel de desenvolver as próprias atividades.

As aulas foram pensadas tendo como objetivo trazer uma vivência prática das brincadeiras das pipas em um período do ano no qual essa é uma atividade muito recorrente entre crianças e jovens de Belo Horizonte. Busquei, ainda, proporcionar que os estudantes conhecessem a origem histórica do brinquedo/brincadeira no Brasil e no mundo, refletindo acerca de como a experiência com a brincadeira pode ser entendida enquanto um fenômeno sociocultural, assim como compreender e validar a importância da vivência e fruição dessas brincadeiras ao longo da vida. Buscava, ademais, refletir sobre o distanciamento dessas práticas na vida adulta.

A primeira aula se deu a partir da construção de uma pipa. Foi enviado aos estudantes um vídeo com o passo a passo para a construção do brinquedo e foi solicitado que eles registrassem por meio de fotografias e vídeos a confecção e experimentação da brincadeira. Na aula seguinte, foi sugerida a produção de um texto narrativo contando como foi a experiência de confeccionar e de colocar a pipa para voar. Na terceira aula, foi apresentado o contexto histórico da criação das pipas no mundo: foram apontadas algumas possíveis origens e pedi que os estudantes rebatessem e justificassem qual delas eles consideravam mais provável para a verdadeira origem da brincadeira.

Todas as aulas foram ministradas em formato assíncrono, através do envio de atividades pela plataforma do *Google Classroom* semanalmente e os estudantes tinham como prazo de realização de cada atividade proposta o período de uma semana. O retorno das atividades se deu por meio da plataforma, do envio de respostas pelo e-mail e pelo *direct* do *Instagram*, cuja conta foi criada especificamente para as aulas devido à necessidade de meios de comunicação mais rápidos e fluidos entre nós. O acesso às atividades se deu de maneira muito variada, visto que muitos não tiveram acesso às plataformas virtuais, nesse sentido, as atividades também foram enviadas para a coordenação da escola para que fosse disponibilizado o material impresso para esses estudantes. Entretanto, nenhuma atividade

impressa foi devolvida para a correção na escola durante todo o processo do REANP, o que expressa que mesmo com a tentativa de alcançar os estudantes, alguns acabaram ficando sem acesso às atividades, o que indica um dos limites do ensino remoto.

## **EMPINANDO REFLEXÕES...**

Iniciar os trabalhos pela plataforma *Classroom* foi desafiador tanto para mim quanto para os estudantes. Quando a atividade da primeira aula foi enviada, poucos a acessaram e reagiram dentro do prazo estimado, entendo, hoje, que pela necessidade de adaptação ao ensino remoto. As primeiras fotos e vídeos começaram a chegar pelo *Instagram*. Foram enviados vídeos mais elaborados, com edição, outros mais simples, mas todos apresentando na íntegra o processo e resultado da atividade. Destaco aqui o trabalho de dois estudantes do 8º ano que usaram os seus vídeos para conscientizar sobre o uso do cerol e da linha chilena<sup>3</sup>, famosos por provocarem muitos acidentes durante o período em que é recorrente a brincadeira com a pipa.

Entre os relatos sobre a experiência, alguns me chamaram bastante a atenção, como por exemplo, o de uma estudante do 8º ano:

*“A minha experiência montando uma pipa teve um significado pra mim maior do que imaginei! No início pensei que só iria fazer mais uma atividade e pronto, mas como não sabia fazer pedi ajuda ao meu pai, e foi aí que a atividade se tornou mais importante! O momento em que fizemos a pipa juntos foi muito bacana e divertido. Ali eu e ele tivemos a oportunidade de rir e nos divertirmos juntos! Além de quê, pude saber um pouco mais sobre como foi a infância do meu pai.” (Estudante T)*

---

3. O Cerol é uma substância feita de cola e vidro, que se passa na linha da pipa para que ela seja cortante, assim como a linha Chilena, que é encontrada em comércios da cidade. A conscientização para o não uso dessas linhas se faz muito importante, visto que elas são motivo de muitos acidentes durante o período de maior incidência da brincadeira.

Notamos que na atividade, são atribuídos sentido e significado que ultrapassam a relação de ensino-aprendizagem. É possível identificar que uma dimensão afetiva no processo que, no caso do relato, se faz presente pela figura do pai, que auxiliou a filha na construção da atividade escolar, o que foi o ponto-chave para que a experiência atravessasse e marcasse a estudante de uma maneira singular.

Para essa narrativa é necessário tecer olhares em relação à nossa prática educacional, em busca do entendimento acerca dos atravessamentos que a perpassam, como por exemplo, nas relações afetivas construídas a partir do brincar pelos estudantes, para além dos muros da escola. Neste momento de isolamento e aulas remotas isso se apresenta de maneira premente no que toca o espaço-tempo em que os estudantes irão realizar as atividades, que deixa de ser somente o ambiente da casa desses sujeitos para se tornar também o lócus escolar. Nesse sentido, dialogo com Paulo Freire (2017) que aponta a importância de entendermos que a docência é feita com gente e por isso é necessário que lancemos um olhar respeitoso, dedicado e amoroso às experiências pessoais que os estudantes trazem para nossas aulas.

## Brincadeiras e Gênero

Durante os relatos dos estudantes, outro ponto importante que apareceu foi a questão dos estereótipos de gênero incorporados a muitas brincadeiras. Eles perduram de forma significativa desde a minha vivência com o papagaio até a experiência que hoje meus estudantes - em especial as do gênero feminino - têm ao construir e empinar uma pipa. Sendo o gênero entendido como uma construção histórica e social, em que a constituição do feminino e do masculino, de acordo com Marlucy Alves Paraíso e Maria Carolina da Silva Caldeira (2018) é aquilo que “pode dividir, normalizar e hierarquizar” (p. 13), mas que quando repensado de maneira crítica, a partir dos questionamentos dos lugares e papéis de gênero na sociedade atual, pode vir a “abrir brechas, acolher as diferenças e multiplicar as possibilidades de vidas vivíveis” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 13).

Dessa forma, essa experiência que distancia meninas de uma brincadeira, por um olhar estigmatizado segundo o qual essa é uma atividade para homens, impossibilita-as de ter acesso à outra experiência do brincar que não sejam aquelas que lhe foram atribuídas exclusivamente por causa do seu gênero, como relata essa estudante:

*“Eu particularmente nunca tinha feito uma pipa e nem sequer pensava em fazer, percebi que não precisa de idade nem gênero para fazer, está ao alcance de todo mundo.” (Estudante C)*

Outra estudante também toca na questão do gênero a partir dessa perspectiva do olhar das pessoas sobre a sua presença enquanto um corpo feminino “soltando o papagaio”:

*“Apesar de ser uma coisa da nossa cultura, as pessoas passam e veem uma menina soltando papagaio e acham que é coisa de outro mundo” (Estudante R)*

Os relatos dessas estudantes levam a reflexões que apontam para a necessidade de uma prática docente que reflita sobre as questões ligadas ao gênero nas aulas de Educação Física, para se pensar um currículo que paute e respeite a diversidade de corpos e a experiências que eles trazem para as aulas. Reconheço que o currículo é um território de disputas e que no campo do gênero a escola legitima muitas normas e padrões. Estes, segundo Paraíso (2016, p. 208),

Produzem, reafirmam e naturalizam o que é masculino e feminino que, por sua vez, regulam as condutas de homens e mulheres, meninas e meninos nas escolas. Trata-se, portanto, de um importante espaço social, em que as normas reguladoras do gênero marcam sua presença para ensinar o certo, o errado, o esperado, o adequado, o inadequado, o normal, o anormal.

Nesse sentido, João Paulo de Lorena Silva (2018) aponta que “as escolas costumam ser, geralmente, um espaço social bastante perverso para crianças que performatizam em seus corpos dissidências de gênero e sexualidade” (p. 267). Portanto, é necessário trazer essas discussões em aula para que consigamos fomentar a reflexão com os estudantes sobre determinados padrões questionáveis que estão estabelecidos na sociedade e que se baseiam em discursos sobre o que é de menina ou de menino,

que estabelecem qual brincadeira, ou jogo, ou esporte, pertence a esse e não aquele outro grupo de pessoas.

## Identidade e valorização cultural nas brincadeiras

Alguns relatos apresentam de forma muito expressiva, a valorização da pipa como um brinquedo/brincadeira da nossa cultura:

*“Soltar a pipa é sim uma brincadeira muito marcante em nossa cultura” (Estudante B)*

Neste sentido, é notório que as crianças entendam a pipa como uma brincadeira da cultura, que apresenta aproximações com a sua identidade social e cultural. O que demonstra a importância de buscar, para a nossa prática pedagógica, elementos que vislumbrem a identificação cultural desses sujeitos. Porque temos ainda hoje, muitas identidades que são negadas e silenciadas pela escola na tentativa de buscar a uniformização e normalização dos corpos e sujeitos ao interesse de uma educação que privilegia determinadas narrativas em detrimento de outras, consequência de uma educação que ainda é colonialista.

A escola brasileira, entretanto, carrega a herança de nosso passado colonial, que impôs a cultura e o conhecimento de povos dominantes a outros povos e culturas que se expressavam de forma distinta e, por isso, não eram reconhecidos como legítimos. A atuação da escola, dentro dessa lógica, muitas vezes, significou a destruição de culturas de povos tradicionais e dos saberes oriundos desses povos, revelando a violência da escola hegemônica brasileira, que hierarquizou e inviabilizou conhecimentos e sujeitos, sob o manto da meritocracia. (LEITE; RAMALHO; CARVALHO. 2019, p. 2)

Dessa forma é necessário refletir sobre quem são os nossos estudantes e quais identidades sociais e culturais eles trazem consigo, na busca de que em nossas aulas não reproduzamos padrões e estigmas que tornem essa identidade invisível, como historicamente vem sendo feito com narrativas estudantis de jovens e crianças que se encontram em vulnerabilidade social, seja ela por classe social, lugar de moradia, raça, gênero ou orientação sexual.

Uma estudante aponta a relevância de conhecer e vivenciar momentos com brinquedos ou brincadeiras que não estão inseridas de maneira efetiva em seu contexto:

*“A pipa como outras brincadeiras vem de uma determinada cultura, que pode proporcionar momentos que possuem importância tanto para aqueles que vivem ou não está cultura em sua realidade.” (Estudante T)*

Portanto, é notável que os estudantes trazem em suas narrativas a importância de se valorizar as brincadeiras da cultura popular nas suas mais diferentes e variadas formas e expressões. Afinal,

*“A pipa pertence a culturas que mesmo sendo diferentes, cada uma tem a sua importância. E é isso que devemos saber respeitar e valorizar a nossa e a cultura de cada um.” (Estudante L)*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa unidade didática reforçou o meu olhar acerca da importância da experiência que para fazer sentido é imprescindível que nos toque, atravesse e conseqüentemente nos transforme (BONDÍA, 2002). Através dos relatos apresentados pelos estudantes é possível notar que a experiência de construção e reflexão sobre a brincadeira foi significativa para que fossem amalgamados os sentidos afetivos, culturais e sociais que envolvem o brincar com as pipas.

Entendo o aluno como protagonista da sua prática, ao trazer uma brincadeira que se aproxima da vivência e saberes originários deles mesmos, mesmo que para alguns estudantes – como no caso da maioria das meninas – fosse uma experiência nova, no que tange à experimentação do brinquedo, porém não desconhecida, pela vivência social e cultural onde eles se inserem. Nesse sentido, se expressa a importância de apontar para eles que o que já sabem é importante para a sua construção como sujeitos, e aqui não digo somente como estudantes, mas, como atores sociais que vem de determinados lugares sociais e se inserem no mundo atribuindo a ele sentidos e significados para uma construção identitária individual e coletiva que os torne capazes de refletir e produzir as relações sociais estabelecidas no espaço onde estão transitando.

Nesse tocante, teço uma reflexão acerca das narrativas e experiências que foram potencializadas com o desenvolvimento dessa unidade didática, ao apontar a pipa como uma possibilidade de prática em aulas de Educação Física, o movimento de valorizar vivências que poderiam já estar inseridas no contexto de práticas de alguns estudantes – relembrando que para as do gênero feminino essa não era uma realidade.

Nesse sentido, emerge um pensamento aliado ao que apontam Luiz Rufino Rodrigues Junior e Mailsa Passos (2014), que afirmam que ao trazer práticas educativas para as aulas, cabe a nós, professores, definirmos quais são as narrativas que veremos serem potencializadas. E isso significa que estamos tomando um lado na educação, lado este que se nega a propagar a ideia de um saber único, a ideia de que somente o que se ensina e aprende na escola é importante para a construção de sujeitos estudantes autônomos, críticos e emancipados no que toca à cultura corporal de movimentos. Ressaltando que não está sendo aqui colocada em xeque a importância dos conhecimentos escolares para a construção de sujeitos, mas está sendo apontada a relevância da intersecção entre os conhecimentos escolares e não escolares inerentes para a construção do saber, aqui representados pelos conhecimentos das brincadeiras populares, no caso a pipa, que muitos dos estudantes já trazem consigo.

Por fim, considero que esta unidade foi muito positiva por ter levantado pontos importantes de discussão a partir das narrativas estudantis e por ter sido uma possibilidade de trocas de saberes de maneira geracionais, quando pais e irmãos auxiliaram estudantes na confecção de sua pipa, o que não aconteceria se tivesse sido realizada nos tempos normais da escola. Por outro lado, avalio que foi também uma experiência que poderia ter sido mais bem explorada se tivesse ocorrido de maneira presencial, quando esses temas poderiam ter sido aprofundados de maneira mais expressiva. As plataformas digitais nos ajudam a nos mantermos próximos, mas não substituem o contato com o outro, o abraço, o sorriso, a sintonia que somente o encontro com os estudantes pode nos proporcionar.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 55ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LEITE, Lucia Helena Alvarez; RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira; CARVALHO, Paulo Felipe Lopes de. A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. *In: Dossiê - Paulo Freire: O Legado Global. Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.35, p. 1-21, jan./ dez, 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. *In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino; PASSOS, Mailsa. Sobre a educação, narrativas e ecologia de saberes. **Debates em Educação**, Maceió, v. 6, n. 11, p. 120, jul, 2014.

SILVA, João Paulo de Lorena. Crianças *queer* no currículo escolar: demandando visibilidade e bagunçando as normas de gênero. *In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 261-278.

Recebido: 24 fevereiro 2021

Aprovado: 07 agosto 2021

Endereço eletrônico:

Caroline Gomes de Oliveira

carolineoliveira.edfisica@gmail.com